

III – Tempos de crescimento e migração



Garcia: forte trabalho de convencimento junto aos fundos de pensão

Geraldo Teixeira Garcia conhece como poucos os segredos da tesouraria. Sua trajetória na área teve início em 1974, logo após diplomar-se em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contratado pela IBM, na qual seguiu carreira, ele lidou durante 12 anos seguidos com planejamento financeiro, gestão de caixa, investimentos, seguros etc. Depois de um intervalo entre 1986 e 1991, quando cuidou de processos de transferência de tecnologia, deu início a um novo ciclo de 12 anos nas lides financeiras e ainda encarou um novo desafio: assumiu o comando da Fundação Previdenciária IBM. “Aquilo não era algo totalmente novo para mim, pois já havia cuidado da gestão de renda fixa para a Fundação, na tesouraria, e tinha participado da contratação de bancos que administravam os recursos do fundo de pensão”, conta este carioca falante e inquieto.

O “batismo” de Garcia na APEP ocorreu durante a segunda gestão de Mario Dias Lopes à frente da Associação, de 1993 a 1995. O executivo da IBM ocupava uma das três vice-presidências. Naquele período, a previdência fechada vivia uma rápida transformação, que mudaria definitivamente sua fisionomia nos anos seguintes. Os tradicionais planos de benefício definido (BDs) estavam cedendo espaço aos de Contribuição Definida (CDs). “Os planos CDs

representavam a modernidade na previdência fechada. Tive uma boa experiência nesse processo de transição, pois a Fundação IBM, em meados dos anos 1990, migrou com muito êxito para os planos CDs”, relembra Garcia.

A novidade havia chegado ao Brasil no fim da década anterior, trazida pelas primeiras firmas de atuária americanas que aqui se instalaram. Não tardou para a ideia prosperar, especialmente entre as fundações do setor privado, que cresciam e se multiplicavam. Sua explosão ocorreu justamente no período em que Garcia presidiu a APEP, de 1996 a 1998, sucedendo a Dias Lopes. “O modelo dos CDs, mais flexível, era perfeito para os fundos de pensão privados, pois atendia às expectativas dos participantes sem causar riscos aos patrocinadores”, comenta ele, um intransigente defensor da tese de que os fundos privados devem ter tratamento distinto daqueles ligados à esfera pública. “Herdei tal bandeira do Mario e a empunhei com todo o entusiasmo. Lutávamos para que os órgãos reguladores percebessem tal diferença, e foi esta luta que tornou forte a APEP.”

“Lutávamos para que os órgãos reguladores percebessem a diferença entre os fundos de pensão privados e públicos. Foi esta luta que tornou forte a APEP”

Ao longo dos três anos em que comandou a Associação, Garcia não perdeu uma oportunidade para fazer a sua pregação em prol dos fundos de pensão do setor privado e de seus patrocinadores e de defender o aperfeiçoamento do sistema de previdência complementar. Era assim no Conselho de Gestão da Previdência Complementar (CGPC), nos encontros com a SPC, nas reuniões internas da Associação e em contatos com os meios de comunicação e empresários. “O quadro associativo da APEP atingiu seu pico durante a gestão do Geraldo”, destaca Dias Lopes, seu antecessor. “Ele era muito ativo e convincente na abordagem de potenciais associadas. Dizia: 'Você não precisa vir a todas as reuniões. Basta seu apoio para que empunhemos as nossas bandeiras'.”

Em 1998, ao término do mandato como presidente, Garcia considerou que havia cumprido a sua missão. Ainda como dirigente da Fundação IBM, ocupou outras posições relevantes no sistema de previdência complementar. Dinâmico, aceitou em 2003 novos desafios profissionais na IBM, mas manteve-se próximo à APEP. “Durante a minha gestão, a Associação consolidou o posicionamento como porta-voz do setor privado. Ela se tornou um agente importante no debate sobre a regulamentação do setor”, pondera.